MANOEL
DE BARROS

LIVRO DE PRÉ-COISAS

ROTEIRO PARA UMA
EXCURSÃO POÉTICA NO PANTANAL

ALFAGUARA

Material com direitos autorais

PONTO DE PARTIDA

Material com direitos autorais

ANÚNCIO

Este não é um livro *sobre* o Pantanal. Seria antes uma anunciação. Enunciados como que constativos. Manchas. Nódoas de imagens. Festejos de linguagem.

Aqui o organismo do poeta adoece a Natureza. De repente um homem derruba folhas. Sapo nu tem voz de arauto. Algumas ruínas enfrutam. Passam louros crepúsculos por dentro dos caramujos. E há pregos primaveris…

(Atribuir-se natureza vegetal aos pregos para que eles brotem nas primaveras… Isso é fazer natureza. Transfazer.)

Essas pré-coisas de poesia.

Material com direitos autorais

NARRADOR APRESENTA SUA TERRA NATAL

Corumbá estava amanhecendo.
Nenhum galo se arriscara ainda.
Ia o silêncio pelas ruas carregando um bêbedo.
Os ventos se escoravam nas andorinhas.
Aqui é o Portão de Entrada para o Pantanal.
Estamos por cima de uma pedra branca enorme que o rio Paraguai, lá embaixo, borda e lambe.
Já posso ver na semiescuridão os canoeiros que voltam da pescaria.
Descendo a Ladeira Cunha e Cruz embico no Porto.
Aqui é a cidade velha.
O tempo e as águas esculpem escombros nos sobrados anciãos.
Desenham formas de larvas sobre as paredes podres
(são trabalhos que se fazem com rupturas — como um poema).
Arbustos de espinhos com florimentos vermelhos desabrem nas pedras.
As ruínas dão árvores!
Nossos sobrados enfrutam.
Aqui nenhuma espécie de árvore se nega ao gorjeio dos pássaros.
Agora o rio Paraguai está banhado de sol.
Lentamente vão descendo as garças para as margens do rio.
As águas estão esticadas de rãs até os joelhos.
Há um rumor de útero nos brejos que muito me repercute.
O que temos na cidade além de águas e de pedras são cuiabanos, papa-bananas, chiquitanos e turcos.
Por mim, advenho de cuiabanos.
Meu pai jogou canga pra cima no primeiro escrutínio e fugiu para cá.
Estamos no zamboada.
Aqui o silêncio rende.

Material com direitos autorais

Os homens deste lugar são mais relativos a águas do que a terras.
Há sapos vegetais que dão cria nas pedras.
As pessoas são cheias de prenúncios: chegam de ver pregos nadar e bugio pedir a bênção.
Quando meus olhos estão sujos da civilização, cresce por dentro deles um desejo de árvores e aves.
Tenho gozo de misturar nas minhas fantasias o verdor primal das águas com as vozes civilizadas.
Agora a cidade entardece.
Parece uma gema de ovo o nosso pôr do sol do lado da Bolívia.
Se é tempo de chover desce um barrado escuro por toda a extensão dos Andes e tampa a gema.
— Aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem — o menino falou.
Há vestígios de nossos cantos nas conhas destes banhados.
Os homens deste lugar são uma continuação das águas.

Material com direitos autorais

EM QUE O NARRADOR VIAJA DE LANCHA AO ENCONTRO DE SEU PERSONAGEM

Deixamos Corumbá tardeando.

Empeixado e cor de chumbo, o rio Paraguai flui entre árvores com sono…

— Onze horas em lombo de água!

A lancha atracou com escuro. Um homem apareceu no barranco, erguendo um farol, e deu boa-noite. Jogaram uma prancha na praia. Por ela desceram passageiros e cargas. Aqui neste lugar, mosquito derruba gente da rede — alguém informou. Noto que o ermo tem boca.

Na outra margem do rio uma casa acendeu. Dois galos ensaiaram. O farol que estava na mão do homem apagou. A lancha apitou despedida. O Porto de Manga está amanhecendo.

Vem um cheiro de currais por perto. Posso ver uma casa nascendo. E um menino recolhendo vacas na semiescuridão.

— Moça foi no mato fazer.

Já diviso um solapão de lontras. Cardeais cruzam os barrancos…

……

Chegam de carro de bois Pocito e Nhá Velina Cuê. Pocito descanga os bois.

— Arruma, Graveto! Separa, Vegetal!

Pocito relenga.

— Boi que amansa amanhece na canga, meu amo. Animal que dá pelo, bentevi caga nele. Bão é pão chão e vão. Ruim é gordura de caramujo e onça ferventada. Oive de mi, xará. Quem não ouve conselho, conselho ouve ele.

Provo as delícias de uma cobra assada que me oferece Nhá Velina. Depois comeremos siputá.

Material com direitos autorais

— Este é o portão da Nhecolândia, entrada pioneira para o Pantanal.

Insetos compostos de paisagem se esfarinham na luz. Os cardeais recomeçam…

Suspensas
sobre o sabão das lavadeiras, miúdas
borboletas amarelas:
— Buquê de rosas trêfegas…

Material com direitos autorais

CENÁRIOS

Material com direitos autorais

UM RIO DESBOCADO

Definitivo, cabal, nunca há de ser este rio Taquari. Cheio de furos pelos lados, torneiral — ele derrama e destramela à toa.

Só com uma tromba-d'água se engravida. E empacha. Estoura. Arromba. Carrega barrancos. Cria bocas enormes. Vaza por elas. Cava e recava novos leitos. E destampa adoidado…

Cavalo que desembesta. Se empolga. Escouceia árdego de sol e cio. Esfrega o rosto na escória. E invade, em estendal imprevisível, as terras do Pantanal.

Depois se espraia amoroso, libidinoso animal de água, abraçando e cheirando a terra fêmea.

Agora madura nos campos sossegado. Está sesteando debaixo das árvores. Se entorna preguiçosamente e inventa novas margens. Por várzeas e boqueirões passeia manheiro. Erra pelos cerrados. Prefere os deslimites do vago, o campinal dos lobinhos.

E vai empurrando, através dos corixos, baías e largos, suas águas vadias.

Estanca por vezes nos currais e pomares de algumas fazendas. Descansa uns dias debaixo das pimenteiras, dos landis, dos guanandis — que agradecem.

De tarde à sombra dos cambarás pacus comem frutas.

Meninos pescam das varandas da casa.

Com pouco, esse rio se entedia de tanta planura, de tanta lonjura, de tanta grandura — volta para sua caixa. Deu força para as raízes. Alargou, aprofundou alguns braços ressecos. Enxertou suas areias. Fez brotar sua flora. Alegrou sua fauna. Mas deixou no Pantanal um pouco de seus peixes.

E emprenhou de seu limo, seus lanhos, seu húmus — o solo do Pantanal.

Material com direitos autorais

image not available

VESPRAL DE CHUVA

Nem folha se move de árvore. Nenhum vento. Nessa hora até anta quer sombrear. Peru derrubou a crista. Ruminam algumas reses, deitadas na aba do mato. Cachorro produziu chão fresco na beira do rancho e deitou-se. Arichiguana foi dormir na serra. Rãs se ajuntam detrás do pote. Galinhas abrem o bico. Frango-d'água vai sestear no sarã. O zinco do galpão estala de sol. Pula o cancã na areia quente. Jaracambeva encurta o veneno. Baratas escondem filhotes albinos. E a voz de certos peixes fica azul.

Faz muito calor durante o dia. Sobre a tarde cigarras destarraxam. De noite ninguém consegue parar. Chuva que anda por vir está se arrumando no bojo das nuvens. Passarinho já compreendeu, está quieto no galho. Os bichos de luz assanharam. Mariposas cobrem as lâmpadas. Entram na roupa. Batem tontas nos móveis. Suor escorre no rosto.

Todos sentem um pouco na pele os prelúdios da chuva. Um homem foi recolher a carne estendida no tempo — e na volta falou: — Do lado da Bolívia tem um barrado preto. Hoje ele chove!

No oco do acurizeiro o grosso canto do sapo é contínuo. Aranhas-caranguejeiras desde ontem aparecem de todo lado. Dão ares que saem do fundo da terra.

Formigas de roseiras dormem nuas. Lua e árvore se estudam de noite.

Por dentro da alma das árvores, orelha-de-pau está se preparando para nascer. Todo vivente se assanha. Até o inseto de estrume está se virando. Se ouve bem de perto o assobio dos bugios na orla do cerrado. Cupins estão levantando andaimes. Camaleão anda de farda.

O homem foi reparar se as janelas estão fechadas. Mulheres cobrem espelhos. Se sente por baixo do pomar o assanhamento das porcas.

Material com direitos autorais

image not available

CARRETA PANTANEIRA

As coisas que acontecem aqui, acontecem paradas. Acontecem porque não foram movidas. Ou então, melhor dizendo: desacontecem.

Dez anos de seca tivemos. Só trator navegando, de estadão, pelos campos.

Encostou-se a carreta de bois debaixo de um pé de pau. Cordas, brochas, tiradeiras — com as chuvas, melaram. Dos canzis, por preguiça, alguns faziam cabos de reio. Outros usavam para desemendar cachorro. Os bois, desprezados, iam engordando nos pastos. Até que os donos, não resistindo tanta gordura, os mandavam pro açougue. Fazendeiro houve, aquele um, que, havendo de passear pela Europa, enviou bilhete ao gerente: "Venda carreta, bois do carro, cangas de boi".

À sombra do pé de pau a carreta se entupia de cupim. A mesa, coberta de folha e limos, se desmanchava, apodrecente. Chegaram a tirar mel na cambota de uma. Cozinheiros de comitiva, acampados debaixo da carreta, chegavam de usar o cabeçalho para tirar gravetos. Enchia-se o rodado de pequenas larvas, que ali se reproduziam, quentes. Debaixo da carreta, no chão fresco, os buracos na areia, para onde os cachorros e os perus velhos corriam fugindo do sol. E a carreta ia se enterrando no chão, se desmanchando, desaparecendo.

Isso fez que o rapaz, vindo de fora pescar, relembrasse a teoria do Pantanal estático. Falava que no Pantanal as coisas não acontecem através de movimentos, mas sim do não movimento.

A carreta pois para ele desaconteceu apenas. Como haver uma cobra troncha.

Material com direitos autorais

image not available

* *Burro não pega perto* é expressão pantaneira. Nas lides de campear o pantaneiro usa o cavalo, que é veloz e alcança a rês desgarrada rapidamente. O cavalo pega perto. Mas o burro, não sendo veloz, alcança longe a rês desgarrada. Por isso se diz que o *burro não pega perto*. (N. A.)

Material com direitos autorais

image not available

2. NO SERVIÇO (VOZ INTERIOR)

O que eu faço é servicinho à toa. Sem nome nem dente. Como passarinho à toa. O mesmo que ir puxando uma lata vazia o dia inteiro até de noite por cima da terra. Mesmo que um caranguejo se arrastando pelo barranco à procura de água vem um boi e afasta o rio dele com as patas para sempre. O que eu ajo é tarefa desnobre. Coisa de nove noves fora: teriscos, nhame-nhame, de-réis, niilidades, oco, borra, bosta de pato que não serve nem pra esterco. Essas descoisas: moscas de conas redondas, casulos de cabelo. Servicinho de pessoa Quarta-Feira que sai carregando uma perninha de formiga dia de festa. De modo que existe um cerco de insignificâncias em torno de mim: atonal e invisível. Afora pastorear borboletas, ajeito éguas pra jumento, ensino papagaio fumar, assobio com o subaco. Serviço sem volume nem olho: ovo de vespa no arame. Tudo coisinhas sem veia nem laia. Sem substantivo próprio. Perna de inseto, osso de morcego, tripa de lambari. Serviço com natureza vil de ranho. Tudo sem pé nem cunhado. Tem hora eu ajunto ciscos debaixo das portas onde encontro escamas de pessoas que morreram de lado. Meu trabalho é cheio de nó pelas costas. Tenho de transfazer natureza. À força de nudez o ser inventa. Água recolhendo-se de um peixe. Ou, quando estrelas relvam nos brejos. No meu serviço eu cuido de tudo quanto é mais desnecessário nessa fazenda. Cada ovo de formiga que alimenta a ferrugem dos pregos eu tenho de recolher com cuidado. Arrumo paredes esverdeadas pros caramujos foderem. Separo os lagartos com indícios de água dos lagartos com indícios de pedra. Cuido das larvas tortas. Tenho de ter em conta o limo e o ermo. Dou comida pra porco. Desencalho harpa dos brejos. Barro meu terreiro. Sou objeto de roseiras. Cuido dos súcubos e dos narcisos. E quando cessa o rumor

Material com direitos autorais

image not available

4. UM AMIGO

Vê-se que não comeu sebo de égua o cágado. À procura de água, desce o cerrado, no pino do sol, tardoso e raro. É o próprio esquisitão que aprendeu paciência sem cartilha. O ínvio nato. O antióbvio.

Está ali esse pobre-diabo. Desmancha cem anos, dizem, no seu desviver. Pois o suco do amor até hoje ninguém viu escorrer de seus lábios. Não tem lábios nem artes. Penso no seco do verde quando o encontro. Dá-me a impressão de alguém obscuro que vem de lugar nenhum e vai para nada todos os dias. E penso na voz de chão podre que tem nos seus abismos.

Seu jeito de andar é de quem está chegando de um bueiro. Há sempre sinais de incêndios e de limos na sua casca loteada. E um crespo ardor de chuvas extintas.

Está aí esse indivíduo cágado. Sem poder criar raízes sobre nada. Seu corpo não conhece o espojar-se na terra e nem o frescor das águas. Toma banho de casca e tudo. A mim me parece um castigo alguém não conhecer na carne o frescor de águas correntes.

É cheio de vestígios do começo do mundo, por isso nos parece inacabado. Mas quando metade da terra estava por decidir se seria de pedra ou de água — já estava decidida a sua desforma. E quando ainda ninguém ousava de prever se o inseto nasceria de uma planta ou de uma larva — já ele estava deformado e pronto. O cágado é pois uma coisa sem margens; feio por igual; feio sem defeito.

Só quando acha no cerrado um ninho de pitangas, exulta-se o cágado. E se nos paus apodrecidos um coró abre para ele suas folhas brancas — aí dança de lado. E deita o pescoço para fora. E sente os odores do sol.

Agora está aí o pobre cágado. Alguém o trouxe do campo e o largou no quintal, em volta da cozinha, no chão rico de restos de comida e

Material com direitos autorais

image not available

6. RETRATO DE IRMÃO

Era um ente irresolvido entre vergôntea e lagarto. Tordos que externam desterro sentavam nele. Sua voz era curva pela forma escura da boca. (Voz de sótão com baratas luminosas.) Dava sempre a impressão que estivesse saindo de um bueiro cheio de estátuas. — Conforme o viver de um homem, seu ermo cede — ensinava. Era a cara de um lepidóptero de pedra. E tinha um modo de lua entrar em casa.

Deixou-nos um *TRATADO DE METAMORFOSES* cuja Parte XIX, *Livro de pré-coisas*, transcrevemos.

Material com direitos autorais

image not available

Cruza de lobisomem com
tapera?
Filho de jacaré com cobra-
d'água? Ou
Simplesmente cachorro de
indumentos?

Era muito esquisito para
peixe
E pra cachorro lhe faltava
andaime.
Uma feição com boca de
curimba
E o traseiro arrumado para
entrega.

Se peixe, o rabo empresta ao
liso campo
Um andar de moreia
atravancada.
Sendo cachorro não arranca a
espada?

Difícil de aceitar esse
estrupício
Como um peixe; ainda que
nade.
Pra cachorro não cabe no
possível.

•

Material com direitos autorais

image not available

De tarde, iminente de lodo, ia
sentar-se no banco do jardim.
(Diminuíram o seu jardim de
40 roseiras e uns vermes.)
Lesmava debaixo dos bancos.
O homem
sentia-se em ruínas: um lanho
em vez de torso era sua
metáfora.
As ruínas só serviam para
guardar civilizações e bosta de
sapo.
Amava caracóis pregados em
palavras.

•

Um rio tomado banho pelos
tordos depura-se.

•

Material com direitos autorais

image not available

10. DOS VEIOS ESCATOLÓGICOS

Na Vila não se praticavam latrinas. Donas desabavam em urinóis. E os homens no mato. Os porcos seguiam os homens pelos trilheiros que davam no mato. As lides de cagar facilitavam encontros de amor. A ponto de um viajante verter no caderno de notas. "Aqui as pessoas se filham no mato com vera competência, qual os porcos nas vielas, de forma que se pare espraiado e nascem crianças papudas e idiotas de igrejas como cupim. Lugar onde se fode e se caga no mato há de ser este!!!" (Desse jeito — !!! — com três pontos de admiração.) Na hora do homem fazer força, quando a vaidade se acaba, justo aí chegavam os porcos famintos e, lhes entrando nos homens por debaixo, saíam com eles nas costas, quando lhes não prostravam na própria obra. De forma que *sujos de suas obras*, como se lê no Eclesiastes. Montados ainda no porco, alguns homens entravam na Vila, na maior sengraceira, com cara de cachorro que peidou na igreja.

A fim de evitar tais vexames, depois de muito craniar, engenhoso cidadão e exemplar paroquiano inventou o Pau-Pra-Porco. Instrumento esse de madeira medindo uma bengala de lorde, chanfrada a facão, com que os homens na hora de descomer bordoavam os porcos que lhes tentassem derrubar na própria plastra. O engenhoso paroquiano abastou-se em de-réis, e se tornou o rei do Pau-Pra-Porco. Com venda do mesmo nome no beco principal. Desse tempo pra cá ninguém mais apareceu na Vila montado no porco.

Na beira do Tanque da Praça da Matriz, o poeta Neco Caolho versava pras moças vergonhosas — "No dia em que me achei cagando ao vento…" bocagemente, ao de cócoras. Dava um prazer fróidico no sacristão em desmoçar as beatas dentro do Tanque, entre rãs prenhas. A égua velhaca da Praça só entregava pra ele. Era de ver a mansura da

Material com direitos autorais

image not available

Sujeito que entende pois de limpeza há de ser o urubu. Só ele que logra os vermes de frente. São entes muito sanitários. — Conquanto que delimpam até o céu.

Como eles, sobre as pedras, eu cato restumes de estrelas. É muito casto o restume.

Material com direitos autorais